



Sociedade das Ciências Antigas

**A ENERGIA ASCÉTICA E A
FISIOLOGIA DE PARACELSUS**

POR

PAUL SEDIR



TRADUÇÃO FEITA A PARTIR DO ORIGINAL FRANCÊS

L'ÉNERGIE ASCÉTIQUE ET LA PHYSIOLOGIE DE PARACELSUS

ESTA TRADUÇÃO INTITULADA "L'ÉNERGIE ASCÉTIQUE ET LA PHYSIOLOGIE DE PARACELSUS" FAZ PARTE DA COLEÇÃO DE ESCRITOS DE PAUL SÉDIR, LISTADA SOB TÍTULOS NÃO DATADOS COMO "L'ÉNERGIE ASCÉTIQUE", "LES FORCES MYSTIQUES ET LA CONDUITE DE LA VIE". FOI PUBLICADO COMO OPÚSCULO PELOS "AMIGOSAS ESPIRITUAIS" DE PAUL SEDIR.

**SÃO PAULO - BRASIL
AGOSTO - 2025**

A ENERGIA ASCÉTICA

Quando anteriormente tentamos demonstrar o quanto as disciplinas são indispensáveis para transpor as inclinações da beleza moral, uma boa parte de meus leitores julgou-me muito sistemático e inclinado a restringir iniciativas.

Mais recentemente, depois de ter lembrado que as disciplinas não são as metas, mas os simples meios de obter o mestrado de si mesmo e a aptidão para receber o Amor Espiritual, outros leitores se aperceberam de sua negligência e afirmaram que é indispensável forçar-se a seguir uma regra. Todos têm razão. Entretanto, é necessário ter capacidade de conduzir o voo da pomba, é necessário saber progredir palmo a palmo como a serpente, como o Mestre já nos havia dito.

Quando admiramos no circo a agilidade, a destreza, a força dos acrobatas ou dos atletas; quando admiramos no teatro, o extraordinário mecanismo ou a riqueza vocal de um virtuoso, não pensamos nos extenuantes anos de trabalho e dedicação necessários para obter do corpo humano essas variadas perfeições; esses homens tiveram de recomeçar esses movimentos, essas atitudes, esses exercícios, essas ações, sem descanso, dezenas de milhares de vezes.

Todos os artistas que alcançam o mestrado o afirmam. E estes não são senão os resultados físicos, bastante simples, que dependem principalmente de tenacidade.

E estes resultados, tão penosamente conquistados, tornam-se precários pois é necessário um trabalho incessante para os conservar. O mínimo miligrama de uma toxina qualquer os destrói.

Quanto não deveríamos nos impor esforços para obter a perfeição espiritual, bem mais importante, indestrutível e durável? A preparação ascética, entre todas, exige o máximo de energia. Podemos, pois, acreditar nela, com certeza, como a mais nobre e a mais verdadeira.

Pois, quando o pintor ou o músico se empregam com alguma constância na conquista de sua arte, marchando, em suma, sobre um caminho que lhes apraz, amam e com o qual sentem afinidades profundas, mesmo com as pedras e os espinhos, eles se desenvolvem segundo uma linha natural, racional e humana.

Mas a regra do místico não é a de tomar em tudo a direção oposta às suas propensões de nascença? Constantemente ele se priva daquilo que lhe agrada e nutre seu eu com alimentos que lhe repugnam.

Constantemente ele excede a razão, o atavismo, o destino, a natureza humana, em vista de atingir o eterno e o infinito. Ele avança na escuridão da fé; se lança na vida intelectual e se torna até mesmo seu próprio carrasco.

Uma tal empresa pode parecer insensata, mas nós sabemos que a sabedoria desse mundo é loucura diante de Deus. Contudo, eu gostaria de mostrar que ela é razoável, que contém uma lógica sã e que para ser alcançada requer a utilização mais sensata das nossas diversas energias.

Qualquer que seja o gênero da atividade ao qual consagramos a nossa existência, para obter resultados definitivos nem o saber técnico, nem a arte prática são suficientes. Tudo neste mundo não passa do reflexo de um sol original, brilhando ao longe no céu misterioso dos protótipos antisseculares. É esse raio sutil que tocando tal centro de nosso espírito imortal, faz ressoar em nós a voz inaudível de nossa vocação. É ele quem faz inclinar todas as nossas energias para um ato interno que nós chamamos de zelo, fervor, entusiasmo e que é uma forma de Amor. É pelo amor de nosso ideal que tudo o que existe de vivo, de luminoso, de alado em nós, atrai nosso ser para um certo sol e o aclimata à sua fértil atmosfera.

Os trabalhos de nossas mãos, qualquer que seja nosso ofício, os esforços de nosso cérebro, as buscas de nossa sensibilidade não continuam se nosso espírito não respira essa atmosfera secreta,

incompreensível, mas real, se não a assimilamos, se não a fazemos descer no meio dos seres humanos.

Eis, no que concerne o divino, sobre o qual eu pretendo falar aqui.

Os antigos buscavam o desenvolvimento paralelo do corpo, da inteligência e da sensibilidade. Os Humanistas da Renascença professavam a crença de que a perfeição pode ser atingida, acrescentando a essa tríplice cultura a moral do cristianismo, hoje, ainda um bom número de espíritos religiosos pensa desse modo.

Eles se enganam. O humanismo e o cristianismo dos Evangelhos constituem dois mundos impenetráveis um ao outro, embora nunca estejam separados entre si. Neste último, a vida impele do centro para a circunferência, do espiritual para o material, do alto para o baixo. No primeiro, ao contrário, o crescimento tem lugar do externo para o interno, do concreto para o abstrato, do sensível para o inteligível, o que constitui o seu limite. A cultura Crística não conhece limites, ela nos desenvolve, certamente, ao nos desapegar do temporal e em nos transplantar ao eterno; desta forma, ela nos livra da existência e nos introduz no ser.

No humanismo, tudo depende do homem e de seus auxiliares naturais visíveis ou invisíveis. No misticismo tudo depende de Deus e de seus ministros sobrenaturais; a parte do homem é só a de se tornar receptivo para a descida divina e, como alguém já disse, a perfeição dessa receptividade exige esforços sobre-humanos.

Os humanistas acreditam poder conquistar Deus; sobre essa falsa crença, criaram no Oriente os mistérios; no Ocidente as filosofias da livre discussão, as deificações da inteligência e da vontade.

A China e a Índia, Apolônio de Thiana e Marco Aurélio, os Iluminados alemães do século XVIII, Kant, Fichte, Estendal, Emerson, Nietzsche, Stirner, os pensadores americanos modernos, todos, com as diversas matizes, pertencem a esta escola do Eu. É necessário notar, para ser exato, que o protestantismo e os Rosa-Cruzes, herdando as teorias neoplatônicas, ensaiaram conciliar o Evangelho com esse Culto Antigo da Inteligência. Eles têm continuado, por essa liberdade de ideias e rejeitando os dogmas indemonstráveis, a multiplicar indefinidamente os sistemas e o caos intelectual aonde a humanidade vem se debatendo depois da Revolução.

Certamente, o homem tem o dever de compreender o universo e o direito de conduzir seus questionamentos com independência, mas o orgulho é tão forte nele que, se fixa como o mestre de suas indagações reflexivas, rejeitando a disciplina moral sem a qual nenhuma forma da Verdade pode ser compreendida. Crer, como os protestantes liberais de hoje, que buscar a verdade com um coração sincero não se deixará de achá-la, é uma ilusão.

Uma criança é sincera e rabisca folhas. Seus desenhos não são, entretanto, uma obra prima. Sim, Deus ajuda o sábio e o filósofo embora eles não o suspeitem, mas, para que eles possam receber esse socorro e o utilizar, é necessário que arranquem deles mesmos todo erro ativo, é necessário que eles suprimam seus vícios, é necessário que, logo, eles se tornem puros.

A Verdade não é uma abstração, ela vive, é um ser orgânico; nossa inteligência não é um mecanismo independente, é um órgão mesclado a outros órgãos corporais ou espirituais. Da mesma forma, qualquer que seja a visão do Absoluto que desejamos contemplar, devemos nos atirar ao trabalho unindo todas as nossas forças.

Receber esse Absoluto é uma tarefa impossível a todo ser constituído de relatividades, vivendo no relativo e pensando por analogias. Todas as criaturas, incluindo o homem, vegetam no seio dessa impotência fundamental e a simples transposição desses obstáculos que nossa natureza opõe à Descida Divina requerem uma intrepidez, uma tenacidade muito superior ao total das diversas energias que um adolescente consumiria para se tornar ao mesmo tempo um atleta, um artista, um sábio e um filósofo.

O discípulo do Cristo que justifica esse título tão pesado, desenvolvido nos domínios da vida interior, concentra uma atividade tão intensa e tão rica como aquela de um Napoleão reorganizando seu povo e transformando o mapa do mundo.

É necessário aprender a querer, começar a querer e persistir nessa vontade até o último suspiro.

Faz-se necessária uma recomposição de todas as nossas atividades, cada uma concordando com o raio eterno, para que o nosso fervor abra uma passagem entre as nuvens de nossa consciência.

Todo trabalho, mesmo o simples fato de viver, é um esforço, uma sequência, uma conjugação de esforços.

Quer sejam eles corporais, anímicos ou intelectuais, nossos esforços ou bem brotam do instinto, da paixão, da inspiração ou nascem de um ato voluntário, atento e refletido. Nosso desenvolvimento pede que esses diversos esforços não se oponham e o único meio de lhes imprimir uma direção única, é unificar seus movimentos, tornando-os mais puros, universais e sublimes. É isso o que, entre todos os outros, o ideal religioso consegue extrair de nossa tendência inata para a dispersão.

O ideal estético ou o científico só nos unem parcialmente. Viver para nossos irmãos e por amor a Cristo: eis a máxima que nos guiará em todas as circunstâncias.

O egoísmo se transforma em altruísmo pela passagem de quatro principais manifestações: o amor por si mesmo, o amor pela família, o amor pela pátria e o amor pela humanidade.

A experiência religiosa e mais especialmente a experiência cristã, nos mostra como o Céu coopera para a evolução dessas difíceis manifestações. Entretanto, é necessário não contrariar esse auxílio.

Existe uma ciência do trabalho. O carregador sabe como agarrar um saco de farinha, carregá-lo com equilíbrio e andar sobre seus pés com segurança. Um funcionário de escritório, dotado de uma força muscular equivalente, não conseguiria levantar esse mesmo saco, por outro lado, o carregador se atrapalharia rapidamente nos cálculos do contador.

Distingamos, no esforço, o trabalho desperdiçado do trabalho útil.

Estudemos também a dosagem do esforço. Muitos mestres deram a medida em relação a nós mesmos, a um outro homem mais sábio ou a Deus, com a condição de lhes obedecermos escrupulosamente. Dirigir-se a si mesmo é uma empresa muito dura.

Escolher um dos numerosos sistemas estabelecidos pelos grandes ascetas nos deixa repletos de frequentes incertezas, porque, entre cada homem e Deus, o caminho nem sempre é o mesmo. Entregar-se a um diretor nos expõe a desilusões, já que nenhuma pessoa pode pretender conhecer tão profundamente a outra.

O catolicismo diminuiu esse inconveniente, pois os seus dirigentes encorajam seus discípulos a recorrerem diretamente a Deus. Mas, por outra parte, é percebendo nas menores circunstâncias o apelo divino, o desejo no qual pulsa o coração do nosso Cristo, como nós nos submetemos à vontade do Pai. Essa vigilância exige uma atenção mais lúcida e uma maestria de si próprio sempre vitoriosa.

Infelizmente nem uma das três partes que eu indicar reunirá tais condições. É necessário ir direto ao ponto, sair do mundo de imediato, entrar no sobrenatural de uma vez por todas, investir-se para sempre de uma condição evangélica, deixar a obrigatoriedade do Dever para finalmente entrar no Amor. Sobre esse minuto decisivo, inesquecível e da importância que ele possui, eu já lhes havia advertido há muito tempo.

O Céu nos toma, nós e nosso destino; os anjos, ministros perfeitos de sua solicitude, nos oferecem, dia após dia, hora após hora, os exercícios proporcionais à nossa fraqueza e, o reconforto para cada uma de nossas fadigas. Mas esse admirável e misterioso aprendizado só tem duração se o seguirmos

com todas nossas forças. Nossa sorte fica efetivamente em nossas mãos. Se, por preguiça, rompemos o pacto místico, recairemos do paraíso da Graça ao império da Lei.

Não existe, na Natureza, nenhum movimento contínuo. A erva cresce através de movimentos bruscos. Se estendo o braço, minha mão descreve no espaço uma curva que, na realidade, é uma sucessão de deslocamentos imperceptíveis. Mesmo a trajetória de um projétil nada mais é do que uma sequência de saltos infinitesimais separados por outras tantas pausas.

O esforço ascético obedece à mesma regra. É impossível querer que tudo ocorra numa continuidade perfeita. Não se pode querer obter durante toda a vida, constantemente, o mesmo resultado que aquele obtido na execução de grande número de atividades particulares, cada dia, cada hora, a todo minuto. É por isso que a importância das pequenas falhas, das pequenas fraquezas é tão grande. É por isso que não seguimos o Cristo quando deixamos passar qualquer oportunidade de vencermos a nós próprios e de nos oferecermos aos outros, ainda que seja uma pequena ocasião.

Além disso, existe sempre uma economia ou um acréscimo de modo a que jamais façamos esforços em prol da imobilidade. A imobilidade é sempre a morte. Por exemplo, digamos que haja algum pequeno erro que me tire a paciência. Minhas mãos se crispam, meu rosto se contrai, minha boca se abre para uma exclamação de despeito. Se quero resistir a essa irritação, obterei um melhor resultado, menos do tipo nervoso, menos de caráter provisório e superficial, ao obrigar minhas mãos a um gesto de bondade, meu rosto a um sorriso afável, minha língua a uma palavra de doçura, do que me limitando a formar um rosto imóvel e rígido.

Eis aqui o procedimento para obter o ritmo de nossos exercícios espirituais: Multiplica-los, ou antes, não os evitar deliberadamente e os executar a fundo e em forma de atividade positiva e não de resistência passiva.

Enfim, temos de escolher a sua qualidade cinética, sua forma plástica, seu arabesco. O estudo da Natureza também nos indicará. Com efeito, a linha reta não se encontra em parte alguma, nem nas pedras, nem no ramo das árvores, nem no movimento dos animais. São sempre as curvas complexas, aquelas cujo estudo absorve as contemplações do artista e as meditações do geômetra.

Todas as formas vivas são fragmentos de esferas. Todas as linhas vivas são partes da circunferência. Nossas energias, sejam nervosas, psíquicas ou mentais, são também coisas vivas.

Elas trabalham por curvas e não aceitam uma escravidão completa.

Nenhuma criatura é livre e tão pouco chega a ser totalmente escrava. Todos, até os mais inertes, têm suas pequenas e hesitantes iniciativas. É necessário respeitar essas minúsculas vontades, sob pena de atentar contra a vida. Ao invés de conduzir nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas ações, com uma vontade rígida, dura, sistemática, como a de carcereiro, embrutecido, relevando somente o gesto mental, moral ou corporal, deixemos o órgão em questão conduzi-los livremente até seu termo final. O atirador lança a bala e não a guia até o seu alvo. O domador lança seu chicote, mas não o conduz. Salvo para os princípios da preparação ascética, usemos nossas próprias forças, servas devotadas dessa mesma doçura paternal que Deus usa conosco. A tirania gera o temor e a retração. A rigidez provoca a fadiga inútil.

Renovemos sempre que possível, no centro de nosso coração, as atitudes místicas da confiança, do otimismo, da alegria, de forma que, as emissões de energia voluntária possam ocorrer mais frequentemente e seguirem um maior número de diferentes direções.

Repousa-se de uma fadiga por uma outra fadiga. Um desenvolvimento harmonioso é obtido pela grande variedade das metas, pelas qualidades e os modos de realização dos esforços. Nada de cólera, nem de grosseria para com nós mesmos. O verdadeiro poder é sereno e um crescimento com constrangimentos não resultará mais que em resultados artificiais.

É necessário somente imprimir os impulsos e a observação dos fatos confirma aqui, uma vez mais, a doutrina evangélica. O Homem Espírito não é uma máquina da qual cada haste de metal pode ser melhorada separadamente. Tudo em nós é compacto e emaranhado. Os raios de nossos diversos centros se interpenetram, ou antes, se mesclam do mais sutil ao mais material, de forma que a sensação mais fugaz ressoa até os pontos mais abstratos e o mais puro estremecimento de nosso espírito repercute de degrau a degrau até que ocorra uma reação físico-química em alguma parte do corpo.

O desenvolvimento harmonioso do ser humano não é uma justaposição ou uma soma aritmética, mas uma organização dócil e viva ao redor de um princípio central. Escolhamos o mais geral dos princípios, será o mais verdadeiro e o mais belo, será o Amor.

Qualquer gênero de cultura que seja nos proíbe o excesso. No ascetismo, nem noites sem sono, nem dias sem alimentos, nem de intolerância fanática, nem de práticas extraordinárias, salvo em casos excepcionalmente graves. O Evangelho se propõe a nos conduzir à perfeição em tudo: que tudo seja para nós um exercício. Uma vez que nós somos seres vivos, vivamos; sigamos a vida, estejamos prontos a ajudá-la, distingamos também, entre os fenômenos nos quais ela se manifesta, aqueles que só possuem aparência e que pertencem tão somente à morte. As regras da moral, do ascético, do místico não servem, nem devem servir, senão de corretivos à nossa imperícia e de sustento às nossas fraquezas.

Ao adotar o sistema simples de tomar como exercícios as ocasiões que se nos apresentam a cada hora, de dominar a nós mesmos ou de nos dedicar aos outros, a inspiração divina que solicitamos nessas ocasiões através da prece, organizará nossa existência de tal sorte que todas nossas faculdades, ao mesmo tempo ou sucessivamente, serão colocadas a trabalhar. Desse ensinamento, dócil e diverso, resultará a harmonia, a resistência à fadiga e a alegria interior.

Ao adotarmos qualquer dos métodos inventados pelos grandes mestres da vida mística, só o devemos fazer com a direção de um guia hábil, sob pena de ver esses métodos tenderem para a rigidez, para essa deformidade desarmoniosa que não nos torna aptos para a realização desses esforços especiais. Por outro lado, o asceta completo deve fazer face a todas as surpresas e a todos os gêneros de combate. Os sistemas não são as metas, mas os meios.

Devagar se vai longe: o provérbio é igualmente verdadeiro para a ascensão espiritual. Uma atividade febril prejudica tanto como o torpor; a fadiga arruína igualmente o corpo, o cérebro e a alma.

A intemperança, o vício e o fanatismo são o mesmo excesso sob três aspectos. Aqui, nós nos aprofundamos num exame da dosagem dos esforços.

Em energética, o critério da qualidade do trabalho é sua utilidade, quero dizer, sua coincidência, seu sincronismo espontâneo com as necessidades da vida. O valor espiritual de um ser é medido pelo poder de seu trabalho. Ora, a quantidade de um trabalho útil depende de sua qualidade e não da precipitação com a qual ele é realizado. É necessário aprender pacientemente a coordenar nossos gestos psíquicos, para os administrar com economia de um lado, e para os alternar de outro, de tal sorte que um órgão repouse e se recupere enquanto seu vizinho trabalhe. A sensação geral de fadiga então diminui e recua. Para obter esses resultados, empregaremos a calma, a presença de espírito, atenta e vigilante, a aderência para a vontade divina descoberta no seio de todos os encontros que a vida nos administra, e a prece, curta e frequente.

De um modo geral os esforços de pausa e de impassibilidade consomem e entorpecem sua energia, enquanto os esforços positivos, radiantes, centrífugos, emitidos por grupos homogêneos de faculdades psíquicas, tonificam, relaxam, desenvolvem e geram a paz interior. Isso as vezes é difícil de compreender.

Quanto à rapidez com a qual nossas decisões e nossas realizações devem se suceder, cada um de nós deverá descobrir o melhor ritmo segundo o envolvimento moral e a curvatura volitiva verdadeiramente existente, retardando-as ou evitando-as, salvo em casos de urgência imperiosa,

quando algum risco, ou até mesmo a morte, não indiquem a conveniência de alterar o nosso comportamento.

Agir é uma necessidade vital. Quem se deixa seduzir pela imobilidade caminha para a morte, quer seja sua inércia corporal, sentimental, cerebral ou volitiva.

Em questões interiores, a escolha dos movimentos de ação está em primeiro lugar.

Temos repetido frequentemente aquilo que o deve determinar: o amor a nossos semelhantes, o amor a Deus. É preciso assim implantar em nós o gosto, o desejo e o hábito da ação. É necessário que o agir se torne para nós uma necessidade, como correr e gritar é uma necessidade para a criança.

Acedemos a esse êxtase superior desenvolvendo a consciência do esforço ou para falar com simplicidade, dando maior atenção àquilo que estamos fazendo, dando-nos conta, tendo o espírito presente para a obra atual, preparando-nos para fazer uma coisa de cada vez. O Cristo resume todas essas precauções em uma só palavra: Desejai. Ele acrescenta: “Orai, pedi ao Pai, que Ele suprirá as numerosas lacunas de vossa vigilância inexperiente”.

Geralmente, cremos ter tudo feito quando tomamos uma decisão. Quanto aos meios de a executar, nos remetemos frequentemente para a sorte ou para o empirismo, enquanto para obter a máxima: *Ajuda-te e o Céu te ajudará*, deveríamos estudar seriamente esses meios. Um número muito pequeno, entre nós, procura se dar conta daquilo que ocorre em sua pessoa durante o período dessa realização. Tal exame nos propiciaria, entretanto, grandes progressos no conhecimento de nós mesmos, no controle de nossos impulsos inatos, físicos, morais ou mentais; ele nos permitiria agir melhor, com um desgaste mínimo de forças, com relativo desapego à nossa obra.

Esses aperfeiçoamentos, qualquer que seja o gênero de trabalho que fosse beneficiado, desembaraçaria nossas faculdades, ajudando o mecanismo do hábito e levando-nos em direção ao nosso mestrado: “Na vossa paciência, possuí as vossas almas” (Lc 21:19), nos disse o Filho de José, o carpinteiro.

Assim, em matéria religiosa, pela preocupação constante do Céu, pela análise dos movimentos internos e das ações externas, pela ampliação de nossa sensibilidade, chegaremos a governar a nós mesmos, a amar nosso próximo, a orar a Deus com uma plenitude e uma facilidade da qual nós não duvidaremos jamais. Desde o nascimento em nós do menor desejo, da menor emoção, do esboço de uma ideia, desde que alguém nos chame a realizar, não importa qual ato, nossa consciência deveria automaticamente se interrogar: Isto está de acordo com a vontade de Deus? O que faria o Cristo em meu lugar? Que alternativa dará maior felicidade àquele que me chama?

Tendo a resposta, deveríamos, no mesmo instante, aceitar a obra ou a recusar. E se nossa consciência permanecer indecisa, deveríamos apelar para a ajuda de nossa sensibilidade, movimentá-la, nos colocarmos no lugar do necessitado, abrir as portas de nossa alma enfim e, acolher todos os hóspedes como enviados por Deus, não nos deixando, entretanto, desviar de Deus por nenhum deles, seja qual for o charme com o qual ele tentar nos seduzir.

Essa posse plena e serena de tudo em si mesmo nós a procuraremos no psíquico e no psicológico com o seu poder de realizar inúmeras coisas, vários trabalhos ao mesmo tempo.

Faremos isso do mesmo modo com o qual conseguimos executar com cada mão gestos dissimétricos e em ritmos diferentes, do mesmo modo com que realizamos de cabeça várias operações mentais simples, da mesma forma poderíamos, com o corpo, por exemplo, trabalhar manualmente, com o cérebro, elaborar uma meditação, e com o espírito, operar algum gesto místico. Mas isso não são mais que sonhos ainda, para nosso desenvolvimento atual, pois só muitos raros indivíduos possuem hoje esses poderes.

O esforço mais idealista, o mais sutil, mesmo o mais utópico, como o mais material, o mais desajeitado ou o mais sagaz, reage sobre todo o nosso ser e retumba até as mais secretas câmaras do templo interior.

Na ordem mística, a energia do esforço é chamada zelo ou fervor; qualquer que seja o ponto de nosso ser onde esse fogo está iluminado, ele não se apaga mais. O fogo se realimenta, pois embora nós procuremos frequentemente o apagar, mais cedo ou mais tarde, de súbito, ele brilha novamente e percebemos que nem somos mais nossos próprios mestres, porque o alimento que lhe convém e que estava acumulado em nós para a solicitude dos anjos, no dia de sua primeira eclosão, se encontrava disperso. Assim, oscilamos de excesso em excesso: da indiferença ao fanatismo, da preguiça à fadiga por excesso de trabalho e acabamos não fazendo a obra ou a fazemos malfeita.

Outra coisa: do mesmo modo que a ginástica ou o exercício da memória, o asceticismo não é um alvo, mas um meio. Muitas pessoas de natureza piedosa imaginam, com efeito, que seu ideal se realizaria mais facilmente na solidão do claustro que no tumulto do mundo. Elas cometem um erro análogo àquele dos naturistas, dos vegetarianos intransigentes, dos maníacos por higiene que, em vivendo nus, em só aceitando os alimentos não fermentados, em filtrando toda bebida, em desinfetando todo objeto, acreditam obter uma saúde perfeita. As circunstâncias fazem com que existam sempre na poeira, os micróbios, as fermentações, os contágios nos locais obscuros, as atmosferas confinadas e se não se refugiar no cume de uma montanha deserta, é impossível evitar esses inconvenientes. Na verdade, para querermos purificado demasiadamente o nosso organismo, o tornamos delicado, vulnerável e vítima imediata do primeiro germe mórbido que se achar no ar ou no pedaço de pão, porque esse organismo perde em resistência o que ele ganhou em facilidade. Ele não foi é mitridatizado (imunizado aos venenos).

Esses regimes são os das curas: os meios, não as metas.

Do mesmo modo, o estatuto monástico é um regime de exceção; no interior da clausura, o monge reencontra armadilhas mais difíceis que as do mundo. Além disso, não é vencer a avareza, por exemplo, o fato de colocar-se na impossibilidade de ter o dinheiro; não é amar seu próximo dele fugir para algum lugar deserto. Eu não sou contra a conduta das ordens contemplativas, muito pelo contrário: elas equilibram os desvarios escandalosos dos jogadores, e de resto, tudo o que existe é útil. Eu disse simplesmente que a vida comum, com todas as suas angústias, as suas fadigas e os seus trabalhos infinitamente variados, conduz melhor ao gênero de perfeição que o Cristo nos propôs. É necessário aprender a manejar o ouro sem que ele nos encadeie, a amar nossos irmãos a despeito da sua ingratidão ou de sua grosseria.

Compreendamos bem isso: fazer ginástica em aparelhos no lugar de realizarmos uma ginástica natural; ler e aprender de memória no lugar de compreender e de observar; seguir observações no lugar de oferecer sua própria felicidade à desgraça do próximo, estas são três formas da mesma ilusão.

Querer com uma rigidez muito meticulosa é uma perda de energia, tanto quanto se apaixonar, se desesperar por um revés, se irritar contra si mesmo, pois nossa força volitava encontra às vezes obstáculos intransponíveis. Teoricamente, sem obstáculos a perseverança sucumbe, já que necessitamos de uma perseverança perpétua, que possa continuar até mesmo depois da morte. Praticamente, quando nos vemos face ao impossível, resta-nos a prece, humilde, leal, confiante e profunda; o Céu então nos responderá, nos acalmará, nos aliviará e nos renovará.

O esforço, pelo esforço, é admirável. Ele pode alcançar a beleza pela coordenação de suas fases, a inteligência de sua sucessão, a medida em seu desenvolvimento, é quando enfim, a pessoa toda inteira aí participa com espontaneidade, bem-estar e alegria.

Assim, a visão dos verdadeiros heróis e dos santos respira uma tal sorte de certeza misteriosa, uma alegria serena, cujo harmonioso acorde embeleza os traços frequentemente excessivos.

Em vista desta orquestração de nosso poder, não cultivamos uma virtude isolada negligenciando as outras virtudes. Desconfiemos das pequenas receitas. Elas podem servir, sem dúvida, em casos especiais, mas não constantemente. Ao contrário, é bom, como eu sempre indiquei, fazer participar da ação, qualquer que ela seja, a totalidade das forças de nosso ser.

Dando alguns centavos para um pobre, acrescentemos bom senso à nossa simpatia e a elegância do gesto a que chamamos tato. Do mesmo modo, nossos pensamentos, os mais elevados, não se elaboram sem que o nosso estado fisiológico tome nisso certa parte.

Eu não indicaria aqui as ramificações universais do esforço ascético: ele pertence ao grupo mais central de nossas energias, ele brilha, pois, sobre toda a massa de nossa personalidade. Com valor técnico idêntico, os trabalhos de um obreiro, de um artista, de um comerciante ou de um príncipe, serão do mesmo modo mais úteis e mais fecundos e aquele que os conclui terá melhor se aproximado do ideal divino.

Nós queremos, antes de tudo, suprimir de nossa vida espiritual o automatismo e a rigidez, trabalharemos interrogando as tendências radicais de nosso ser, as luzes antigas de nossa raça, e implorando, com altos gritos, o socorro essencial que o Pastor não recusa jamais. Se vós sois livres da indiferença religiosa, se a dor humana e o desejo de Deus vos preocupam, sinta como o cuidado deve ser profundo, que lugar ele deve tomar entre os outros e quanto é necessário o agregar a todo os momentos de vossa existência.

Uma vaga espiritualidade é indigna da mais nobre das inquietudes; o fervor ardente e constante é só o que lhe convém.

Para atingir esse estado de energia intensa, são necessários: o remorso, o arrependimento, a contrição - a prostração do espírito - até as lágrimas e uma luta imediata contra si mesmo, uma luta implacável e sem descanso. A leitura, de curtas e frequentes preces são ajudas inestimáveis, mas não substituem de maneira alguma o combate ascético.

Ao curso desta longa batalha, evitai igualmente a pressa e a distração, resisti à influência destrutiva dos cuidados materiais, do rancor e da tristeza.

Empregai como tônicos a prece, várias vezes por dia, o exame de vos mesmos, os chamamentos tão numerosos que possibilitam a presença do Cristo, a vontade de fazer uma obra útil. Experimentai sempre avançar, por pequenos que sejam vossos passos. É sobretudo no espiritual, que aquele que não avança recua.

Este outro provérbio deixa claro: "Em forjando é que nos tornamos ferreiros". É em se exercitando que desenvolvemos os músculos, é em querendo que desenvolveremos nossa vontade.

Quando existe uma decisão a tomar, refleti, pesai os prós e os contras, até que vós possais ver claro, pois uma vez definidos, por este ou aquele partido, conduzireis vosso esforço até o seu termo final. Assim, vós vos curareis da preguiça moral, da hesitação, da volubilidade, da impressionabilidade, da falta de medida, do desânimo. Mas, mesmo com todas as nossas forças, físicas e mentais, a vontade se fatiga. É necessário nutri-la e seu pão cotidiano é a fé; seu vinho é o reconhecimento de Deus; seu medicamento é a renúncia livre dos prazeres, do conforto e das satisfações. A fé da qual falo aqui, não é o ato de crer nos dogmas e nos mistérios teológicos. Essa fé é só o reflexo intelectual da verdadeira fé. A fé, é uma confiança invencível em nosso Pai pela qual, transportados acima de nossa natureza, nós podemos sofrer as provas as mais dilacerantes sem perder o nosso otimismo, sem duvidar do futuro, sem nos desesperarmos.

Quanto à gratidão, o nosso coração de pedra pouco a pouco se torna quase incapaz de externar esse sentimento. Nós temos uma tão excelente opinião de nós mesmos que todos os bens que recebemos, parece que efetivamente nos são devidos. Ora, a verdade é que nós nada merecemos. O teto que nos protege, a vestimenta que nos cobre, o pão que nos alimenta, nós não os ganhamos, pois que mesmo

as forças que nos permitem trabalhar não vem de nós, mas de Deus. Nunca dizemos: “Obrigado, meu Deus”. Se olhássemos os milhares de detalhes de nossa existência só um dia, sob o Céu, veríamos a que ponto o Pai nos supre de benefícios. E aqueles que começam a viver a vida admirável da amizade divina, tremem, às vezes, com a facilidade pela qual o Cristo lhe concede tudo o que necessitam.

Voltemos à preparação ascética. Desde o momento em que sintamos crescer a força volitiva, apliquemo-nos em purificá-la, purificando os movimentos que a determinam: nossas intenções. Que elas sejam submetidas ao serviço de Deus e ao serviço do próximo, de tal modo que, pouco a pouco, se estabeleça em nós o costume de nos esquecermos de nós mesmos. Desde então, a paz celeste começará a descer sobre nós e, em breve, ela brilhará também sobre os outros, espontaneamente e por assim dizer, iluminará a nossa ignorância.

Os obstáculos a esta paz são os excessos de zelo, o exagero dos cuidados pessoais, o remorso mal compreendido e o escrúpulo.

Caro aprendiz, vamos aniquilá-los, com bom humor, mergulhando em nós mesmos em humilde resignação, numa terna confiança na infinita bondade de nosso Mestre.

Eis, creio, todas as coisas que deveriam ser ditas, necessárias ao combate espiritual. Saber o que queremos, realizar com resolução, inflamar o coração, quero dizer, o centro mais secreto de nossa vida íntima, sem temor de muito queimar, para servir a Deus e aos nossos irmãos, pois assim jamais nos queimaremos excessivamente.

Não submetemos nossas energias psíquicas a uma regra muito rígida: que o incêndio do Amor as atinja, e elas fornecerão por si só, o esforço pedido. Implorando sem cessar a condução do Céu, Ele próprio se encarregará de repartir nossos trabalhos e de dosar nosso arrebatamento, contanto que não nos recusemos sob qualquer fadiga e que nos doemos a Ele como pede Jesus: “de todo seu coração, de toda sua alma, com todas suas forças e com todo seu pensamento”. (Mt 22:37)

Existem muitos livros de ascetismo e um grosso volume não bastaria para enumerá-los. Todos os métodos, entretanto, repousam num pequeno número de princípios comuns e empregam algumas máximas comuns. Estes são os tratados similares que eu queria indicar nestas rápidas páginas. É, principalmente, o estado de espírito no qual devemos abordar a preparação ascética, o que eu tive a intenção de descrever. Não sei em que medida tive sucesso ou malogrei, mas, qualquer que seja o resultado, permiti à minha pequena experiência vos repetir ainda, que Jesus foi o único mestre nessa arte.

Só Ele conhece a fundo seus futuros obreiros, seus labores e suas forças. Só Ele é capaz de os instruir e de os substituir. Só Ele possui o direito e o poder de os recompensar, segundo a adorável justiça do Amor; só d’Ele eles receberão tudo. Só por Ele, eles tudo realizarão.

Porque o nosso século se encontra em uma desordem geral - estranha semelhança com o século do Cristo - a necessidade de reconstruir nossa vida interior torna-se para nós todos urgente.

Lembra-vos que o Cristo, o pastor, o iniciador, a rocha eterna, a pedra angular, é também o arquiteto dos mundos, o construtor da futura Cidade Divina e nosso Amigo. O discípulo que acolher totalmente a amizade de Jesus, que a fizer sua, que saturar todas as fibras de seu ser desse elixir miraculoso, não terá necessidade de nenhuma outra fórmula, de nenhuma outra precaução.

Experimentai amar Jesus tanto quanto Ele vos ama e marchai: Ele não necessita de mais nada para vos tornar um soldado.

A FISIOLOGIA DE PARACELSO

O Homem é composto de três partes:

1. Parte divina, que vem de Deus, compreendendo o livre arbítrio e a vontade, capaz de nos sábios, governar completamente as outras duas: é a Alma.
2. Uma segunda parte que é o Espírito vinda do firmamento, isto é, das rodas astrais.
3. Uma terceira parte que é o Corpo vindo da terra.

Não sendo um místico, mas fisiologista, naturalista, médico e mágico, Paracelso não se ocupa da alma; estuda o Espírito, sobretudo em suas relações com o corpo e o corpo no jogo de seus dinamismos funcionais.

O Espírito vem do caos aéreo e estelar; porta em si o resumo de todas as forças astrais, chamada Mens e suas faculdades abrangem o que a Escola denomina Psicologia, ao mesmo tempo que as operações da Vida fisiológica.

Quando uma alma é chamada a descer à terra, ela escolhe, no mar astral, um espírito apropriado à sua própria natureza e aquele dos pais terrestres próprios ao seu destino futuro da encarnação. Os Espíritos dos pais se conjugam com seus corpos e colaboram para a procriação do germe espiritual da criança.

Desta semente espiritual procede a vida orgânica, porque ela contém, em potência, um espírito vital que se desenvolverá na atmosfera fluídica da terra.

Paracelso considera este desenvolvimento como a balança ou a polarização em equilíbrio instável de uma dualidade, que para o estado estático denomina-se espírito e corpo; para o estado fisiológico, absorção e eliminação e para o estado biológico, vida intelectual e vida vegetativa.

Assim, o homem visível e o homem invisível são de uma mesma relação de reciprocidade. O primeiro age sobre o segundo pelas percepções, o segundo age sobre o primeiro pela imaginação.

Concebemos, pois, a imaginação como uma faculdade viva, como o mediador plástico de Eliphas Levi.

O homem espiritual descende assim à matéria pelos cinco sentidos; e o corpo de carne subindo até o corpo astral pelas digestões e as purificações de sua vida.

No momento da concepção, o espírito do feto recebe as impressões dos astros através do espírito da mãe, de onde provém a importância da vida psíquica durante a gestação.

Quando a criança nasce, ela age seguindo as inclinações dos astros em primeiro lugar, em seguida de seu atavismo; o todo é gerenciado e ratificado pela vontade. A vontade dirige a motricidade e seu instrumento é a fé.

O humor radical do espírito dirigido pelo concurso dos espíritos dos pais produz o espírito vital; do mesmo modo que a semente material produz um humor vital que é fisiológico.

O espírito vital morre desde que a vida se extingue, no momento marcado por Deus e que podemos descobrir astrologicamente.

Assim, o tempo exerce sobre o humor vital (da vida orgânica) uma ação corruptora que ele pode abrandar, mas não deter inteiramente. Portanto, segundo Paracelso, a imortalidade terrestre é impossível.

Ao espírito vital pertence a força, a potência, a vida e o bálsamo. Este bálsamo é a força de conservação que tem a sua sede no coração e que se especializa nos diversos órgãos anatômicos.

Nosso corpo é assim o campo de batalha de duas forças: uma astral, que tende a retornar à sua matriz cósmica e que se compõe de sal, enxofre e mercúrio; e a outra eletromagnética, na carne, sangue e nas membranas, que luta contra a primeira em meio ao bálsamo, o agente conservador.

Do *liquor* vital vêm também as qualidades mentais ou psíquicas. O Espírito, potência invisível e impalpável, pode dominar o corpo pelo pensamento, ao passar pela mente (*mens*). Ele é a obra da vontade, ao menos quanto ao seu desenvolvimento e se especifica para dirigir todas as funções orgânicas, por isso, suas especificações são em número de sete, correspondendo aos planetas como segue:

O coração possui um espírito solar;

O cérebro possui um espírito lunar;

O baço possui um espírito saturniano;

O pulmão possui um espírito mercuriano;

O rim possui um espírito venusiano;

A vesícula biliar possui um espírito marciano;

O fígado possui um espírito jupiteriano;

A matéria do corpo representa a terra;

Cada um destes espíritos vai do coração ao seu lugar e volta. Os astros exercem uma influência sobre o corpo e os órgãos, astros do corpo, exercem, por seu turno, uma influência uns sobre os outros. Os astros em seu movimento, liberam uma exalação espiritual que misturada à atmosfera ígnea da terra, produz uma essência que leva seus influxos sobre nosso espírito.

Esta não é aquela essência astral que fornece a matéria do nosso espírito, é o mesmo meio no qual se movem os astros e esse meio, empenhado pela força atávica dos pais, forma a essência da semente. O meio astral vive e se organiza sob a direção do M ou MAGNALE UNIVERSAL, que é o princípio magnético dos mundos. Aplicado ao indivíduo humano, ele ata o laço que liga a vida ao nosso corpo; ele luta contra a ação de um agente denominado arqueu destruidor, causa eficiente da decrepitude, tendendo a reduzir nosso corpo à sua última matéria pelo calor e pelas combustões orgânicas que ele dirige.

Eis como a criança nasce com seu firmamento e seus sete planetas: é o *Ens naturale*. Encontramos também no homem os quatro elementos:

O Fogo sai dele pelos olhos;

A Água se encontra em todos os vasos;

O Ar é o meio dos movimentos;

A Terra, enfim, entra pelos alimentos.

De outro modo, as complexões, que não devem ser confundidas com as qualidades psíquicas, se determinam pelo gosto do *Ens naturale*.

A amargura produz a complexão colérica ou biliosa;

A acidez produz a complexão melancólica;

A doçura produz a complexão fleugmática (linfática);

A salinidade produz a complexão sanguínea.

Tudo está no homem: os movimentos das estrelas, as propriedades dos elementos, as substâncias dos três reinos, os fluídos atmosféricos. Mas, essas coisas existem nele virtualmente e não substancialmente, ele tem o ouro em seu corpo, mas que não tem o mesmo aspecto do ouro da Natureza.

As substâncias do nosso corpo podem se classificar em quatro grupos: o sangue, a gordura e os músculos, a água da medula e dos ossos, as resinas e as gomas das vísceras e dos tendões. O corpo dos animais pode assim ser separado da mesma maneira e fornecer também medicamentos preciosos.

Podemos lembrar por seu emprego que:

A vida do homem é um bálsamo astral, um fogo celeste;

A vida dos ossos é a múmia;

A vida do sangue é o *spiritus salis*;

A vida da madeira é a resina;

A vida das plantas é um líquido da terra;

E a vida metálica, uma gordura oculta, vinda do Enxofre. E, também, que as criaturas dos três reinos têm um Sal por Corpo, um Mercúrio por Espírito e um Enxofre por Alma.

Tudo na natureza é mesclado de bem e de mal, de puro e de impuro.

Todo alimento contém, pois, um bálsamo e um veneno, um conservador de nosso corpo e um destruidor e é o estômago o grande alquimista pois quando trabalha bem, ele caça os venenos absorvidos pelas aberturas do corpo.

O mercúrio é eliminado pela pele;

O enxofre branco pelas narinas;

O arsênico pelas orelhas;

O enxofre pelos olhos;

O sal dissolve-se pela bexiga;

E o enxofre putrefato pelo ânus.

Cada uma das funções da vida orgânica é também governada por um espírito que é o “Arqueu”; existindo assim o “Arqueu” da digestão, o “Arqueu” da respiração, etc...

Do mesmo modo que a corrupção interior, levada pela ingestão dos alimentos, somos defendidos também contra a corrupção do meio pela pele como se fosse um escudo.

Entretanto, quando o bálsamo do corpo é suprimido, a doença entra em nós, ou melhor, ela aí se desenvolve, pois nós portamos em nosso “*Spiritus*”, corrompido após a queda de nosso primeiro pai, os germes de todas as doenças. Assim, toda doença é em sua essência uma expiação.

As doenças se instalam seja pelo *Ens* ou ser físico, seja pela *Mens* ou ser psíquico; neste último caso elas vêm ou de um influxo pernicioso dos astros ou dos encantamentos de um mago negro ou da imaginação de um inimigo ou de nossa própria imaginação.

Assim, é a própria doença que se matiza nos casos de “sucubos” e “incubos” abrindo uma porta para a ação dos diabos.

As doenças crônicas vêm das estrelas;

As doenças agudas dos elementos;

As doenças naturais, da complexão;

As doenças não naturais, dos humores.

A morte do homem consiste na retirada do ar vital, o desaparecimento do bálsamo, a extinção da luz natural e a separação do corpo, da alma e do espírito.

O corpo físico retorna à sua matriz, a terra. O corpo celeste ou espiritual continua algum tempo a viver, é ele que aparece sob a forma de espectros, visões, fantasmas, etc., após o que, ele vai se dissolver no caos aéreo. Enfim, a alma retorna à sua parte divina.

É necessário notar aqui, que, quando o homem está morto, suas partes constituintes materiais continuam a agir durante algum tempo, seus espíritos vitais particulares não os deixam de pronto.

Estas exalações constituem a múmia e são revestidos de uma força magnética que, quando é grande, possui um imã capaz de produzir curas espantosas.

Tais são as grandes linhas do ensinamento de Paracelso sobre o funcionamento orgânico da máquina humana. Nós nos permitiríamos aconselhar aos nossos leitores que queiram assentir completamente ao espírito deste sistema, a reduzir em quadros os dados contidos nas páginas que precedem. Para aqueles que não têm facilidade de ler em latim ou alemão as obras de Paracelso, recomendamos os livros de Bouché, de Adolph Frank, Eliphas Levi, de Marc Pompée Colonne, que reimprimiu a *Thérapeutique Intégrale*, e sobretudo, o excelente estudo do Dr. Louis Durey, que Vigot acabou de publicar sob o título de *A Medicina Oculta* de Paracelso. Arque, ou Archeu, s. m. Gr. *arkhaios*. Princípio imaterial, distinto da alma, e que presidia aos fenômenos vitais, de acordo com os fisiologistas.

FIM

BIBLIOTECA DAS AMIZADES ESPIRITUAIS - OBRAS DE Paul Sedir

As Amizades Espirituais (32 páginas)

O Dever Espiritualista (100 páginas)

A Verdadeira Religião (32 páginas)

O Verdadeiro Caminho para o Verdadeiro Deus (40 páginas)

2ª Assembleia Geral da Associação das Amizades Espirituais (36 páginas)

O Martírio da Polônia (46 páginas)

A Guerra de 1914 Segundo o Ponto de Vista Místico (138 páginas)

A Infância do Cristo (280 páginas)

O Sermão da Montanha (230 páginas)

Ensaio sobre o Cântico dos Cânticos (60 páginas)

As Direções Espirituais (não publicado)

Os Sete Jardins Místicos (não publicado)

Alguns Amigos de Deus (180 páginas)

A Didática ou Ensino dos Doze Apóstolos (32 páginas)